

ESPAÇO E PAISAGEM JESUÍTICA: PERSPECTIVAS DE ANÁLISES ARQUEOLÓGICAS EM LARANJEIRAS/SE

**Ronaldo José Ferreira Alves Santos
Janaína Cardoso de Mello**

RESUMO

O presente trabalho propõe analisar o espaço e a paisagem jesuítica na cidade de Laranjeiras, em Sergipe, a partir das possíveis perspectivas arqueológicas. O desenvolvimento dos estudos referente a espaço e paisagem na arqueologia iniciou no século XIX com a geografia e foi inserido na arqueologia no século XX como modelo de análise do ambiente recebendo influência das escolas britânica, francesa e americana. O espaço jesuítico em Laranjeiras é constituído pelas estruturas arquitetônicas do Engenho Retiro e da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Comandaroba, que segundo fontes documentais históricas e bibliográficas atestam ser a primeira e a segunda residência dos jesuítas na região. A metodologia empregada neste trabalho consistiu em uma revisão bibliográfica sobre a temática arqueológica abordando espaço e paisagem de forma analítica, com o objetivo de perceber as várias interfaces de contextualização e interpretação arqueológica na compreensão das múltiplas relações culturais, sociais e econômicas estabelecidas e desempenhadas por grupos sociais considerando o ambiente e seu entorno. A análise propiciou ainda a discussão acerca da transformação do espaço e da paisagem a partir da ação humana imbuída de valores simbólicos e relações de poder inseridas na cultura material que de forma dinâmica geram significados.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço. Paisagem. Análise Arqueológica. Laranjeiras.

ABSTRACT

The present study proposes to consider the space and the Jesuit landscape in Laranjeiras, Sergipe, from possible archaeological perspectives. The development of studies on the space and landscape in archaeology began in the 19th century with the geography and was inserted in the archaeology of the 20th century as a model for analysis of the environment getting influence of British, American and French schools. The Jesuit space in Laranjeiras comprises the architectural structures of Engenho Retiro and the Church of Nossa Senhora da Conceição da Comandaroba, which according to bibliographical and historical documentary sources attest to be the first and the second residence of the Jesuits in the region. The methodology employed in

this work consisted of a literature review on the thematic archaeological addressing space and landscape in an analytical way, with the goal of realizing the various interfaces of archaeological interpretation and contextualization in the understanding of multiple cultural relations, social and economic change established and performed by social groups considering the environment and its surroundings. The analysis provided even the discussion about the transformation of space and landscape from the human action imbued of symbolic values and relationships of power incorporated in the material culture that dynamically generate meanings.

KEYWORDS: Space. Landscape. Archaeological Analysis. Laranjeiras.

INTRODUÇÃO

A relação entre homem e ambiente (espaço e paisagem) tem suas origens desde os tempos pré-históricos o qual levou o homem a empreender transformações no ambiente a fim de proporcionar sua sobrevivência e assim inserir marcas de sua identidade relacionadas ao contexto físico em que viviam. Em Laranjeiras, no Estado de Sergipe, a região da Cotinguiba conhecida pelos vales férteis e grandes caminhos fluviais despertou o interesse dos primeiros colonos em colonizar e povoar a região. Assim, nesse contexto de povoação os jesuítas em parceria com empreendimentos lusos chegariam às terras brasileiras e em Sergipe desenvolveriam suas atividades espirituais e econômicas a partir da doação de terras (FREIRE, 1977: 94; SANTOS, 2007).

A presença desse grupo religioso em contraste com o espaço ocupado desencadearia relações na transformação da paisagem, isso se daria com a construção de suas residências no século XVIII, a do Engenho Retiro e a da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Comandaroba. Com referência nos dados obtidos nos relatos historiográficos acerca da presença dos jesuítas e sua ocupação no espaço e na paisagem, propomos nesse trabalho apresentar as possibilidades de análises arqueológicas possíveis para melhor compreensão do processo, percebendo que os sítios correspondentes corroboram para inserção de tal perspectiva.

Nesse trabalho apresentaremos algumas das várias abordagens utilizadas para a concepção de espaço e paisagem na arqueologia, visitando o desenvolvimento e perspectivas dessa temática a partir da influência exercida pela escola britânica, francesa e americana, e das correntes Processualistas e Pós-Processualista que dão ênfase as discussões e reflexões na arqueologia no mundo.

ESPAÇO E PAISAGEM NA ARQUEOLOGIA

Os estudos referentes a espaço e paisagem na arqueologia sofreram influências teóricas e metodológicas da Escola Inglesa, Francesa e Americana. Diante dessa questão é possível perceber incongruências no que concerne a uma definição propriamente dita para essas abordagens. Tomando como referência os estudos de Arqueologia e Espaço, este preconizou a “...noção de que trata-se de uma abordagem ligada a estudos de dimensão, distribuição e organização de um sítio arqueológico dentro de um determinado espaço” (BARCELOS, 2000: 36).

Todavia essa noção não é suficiente para agregar conceitos que possam vir a definir a Arqueologia Espacial, bem como delimitar e especificar seu campo de estudo, esse impasse ocorreu a partir das discrepâncias conceituais desenvolvidas na arqueologia norte-americana e europeia, acontecendo o mesmo no campo de definições da Arqueologia Histórica (ORSER JR, 1992 *apud* BARCELOS, 2000: 36). Essas discrepâncias referem-se à periodização da arqueologia em: Pré-Histórica (antes da chegada dos europeus no Novo Mundo) e Histórica (após a chegada dos europeus no Novo Mundo), concebidas por arqueólogos norte-americanos sob um viés antropológico. Diferente dos europeus que têm na Arqueologia Clássica (desde as civilizações antigas até as sociedades medievais) o equivalente a Arqueologia Histórica, porém com o viés histórico, repousando nesse paralelo de vieses as diferenciações conceituais entre as Arqueologias americana e europeia (ORSER JR, 1992).

Na busca de definições para a chamada Arqueologia Espacial encontramos diferenças nos campos conceituais, como exemplo o trabalho do arqueólogo inglês David Clarke (1937-1976), *Spatial Archaeology* publicado em 1977 que discute as diferenças entre a arqueologia anglo-saxã e francesa. Nos anos 40 e 50 a arqueologia na Europa manteve proximidades com temas inerentes a Geografia, já nos anos 30 com a *Escola dos Annales* na França, essa corrente influenciaria não apenas a História, mas as Ciências Humanas em geral, como no caso a Arqueologia, e isso incidiu na ampliação de novas temáticas e a aproximação com as outras ciências (BARCELOS, 2000).

Nesse contexto a arqueologia inglesa e americana tratariam com “... mais ênfase aos estudos de organização espacial e padrões de assentamento em sistemas fechados, do que aos artefatos e distribuições sistematizadas de sítios em mapas” (BARCELOS, 2000: 37).

Essa ênfase atingiria dimensões antropológicas e daria uma posição secundária aos aspectos geográficos. Para responder tais questões surge a arqueologia de assentamentos pautada na compreensão “dos antigos assentamentos com seu contexto ambiental, bem como de sua implantação na paisagem” (GUIMARÃES, 2011: 1). Essa arqueologia se embasou no pensamento funcionalista para compreender a cultura percebida como sistema.

De certo percebemos que nesse primeiro momento a abordagem arqueológica sofreu uma grande influência da Nova Arqueologia (surgida nos anos de 1960) que preconizou abordagens comportamental, funcionalista e positivista, e que incidiu no direcionamento dado por David Clarke e outros arqueólogos para a compreensão do espaço a partir de um olhar voltado na organização espacial e padrões de assentamentos.

Para Sousa (2005) essa influência da Nova Arqueologia retardou o processo que já estava em andamento na Geografia, que buscava compreender o cognitivo da mente humana através de indagações e o significado do comportamento humano e da cultura material, a partir de então questões inerentes a subjetividade, significados e simbolismos foram incorporadas no cenário intelectual.

A Geografia e a Arqueologia se imbricam em um paralelo que as aproximam, no qual a primeira desenvolve uma abordagem dentro da influência da fenomenologia e hermenêutica, e a segunda uma abordagem pautada no estruturalismo, entretanto as bases teóricas dessas disciplinas convergem e divergem na perspectiva de abordagens do simbólico dentro de uma perspectiva temporal (HODDER, 1987 *apud* SOUSA, 2005: 292).

Todavia, a Geografia se caracteriza como uma ciência espacial e a Arqueologia se apropria do espaço como composição de seus domínios, haja vista que a apropriação do espaço ocorria em outros domínios “... como arte, estilo, sepultamentos, rituais etc. – em suas análises sobre o simbolismo” (SOUSA, 2005: 292). Assim, a arqueologia inseriu em suas abordagens a análise do espaço e da paisagem para compreensão do simbólico.

Até o momento discorremos sobre a inserção dos estudos de espaço e paisagem na Arqueologia de forma panorâmica, com a finalidade de mostrar o desenvolvimento desse campo nos estudos arqueológicos considerando, sobretudo, a influência das correntes que estiveram em voga e que nortearam o avanço dos trabalhos nessa área.

Dentro dessa perspectiva o trabalho de Copé (2006) faz uma análise acerca das narrativas das ações humanas, observando a relação espaço (ambiente físico) e arquitetura, o qual de forma cronológica traça a influência das correntes teóricas do Histórico-Culturalismo, do Processualismo (Nova Arqueologia) e do Pós-Processualismo na construção das narrativas da ação humana no espaço e na paisagem.

O Pós-Processualismo, movimento surgido nos anos de 1980, propôs novas abordagens teóricas e interpretativas, em reação contrária ao Processualismo, e dentro de suas propostas se inseriam a arqueologia contextual, estrutural, cognitiva e marxista. Essas abordagens seriam fatores preponderantes na compreensão da distribuição espacial da cultura material observando a partir de analogias estruturais, ações sociais e políticas vinculadas ao comportamento humano e percebidas como simbólico. A paisagem influenciada por esta corrente se conceitua como Arqueologia da Paisagem ao “... ser considerada um refino da arqueologia espacial vinculada a

“nova arqueologia” ou um produto mais recente das tendências teóricas do pós-processualismo” (COPÉ, 2006: 118).

Portanto, as similaridades na Arqueologia Espacial e na Arqueologia da Paisagem são intrínsecas a sua origem, convergindo e divergindo, e ambas propõem uma reflexão e uma análise crítica buscando respostas e interpretações na percepção do ambiente como um todo. Enfim, é necessário dentro dos estudos arqueológicos do espaço e da paisagem compreender a forma como ocorreu o desenvolvimento dessa temática no âmbito da Arqueologia, a partir de traços adquiridos da Geografia que permearam o seu crescimento enquanto ciência e disciplina, observando o delineamento das correntes teóricas que contribuíram e contribuem nas resoluções inerentes a tal problemática.

CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO E DA PAISAGEM JESUÍTICA

O espaço e a paisagem jesuítica são constituídos por duas estruturas arquitetônicas que remontam ao século XVIII. Localizadas na cidade de Laranjeiras, no Estado de Sergipe, as estruturas arquitetônicas do Engenho Retiro¹ e da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Comandaroba² compõem o ambiente que dão indícios da presença dos jesuítas na região. A povoação na região remonta a fins do século XVI época da colonização portuguesa, quando após a conquista de Sergipe, por Cristóvão de Barros em 01 de janeiro de 1590, a colonização e a povoação se estenderiam por toda capitania e alcançaria a região da Cotinguiba conforme atestam as cartas de sesmarias emitidas na época (MOTT, 2008).



Figura 1: Engenho Retiro



Figura 2: Igreja da Comandaroba Laranjeiras/Sergipe

A partir de dados obtidos em uma obra memorialista sobre a História de Laranjeiras (OLIVEIRA, P. J, 1981) a menção dada ao Engenho Retiro e a Igreja da Comandaroba assinalam como a primeira e segunda residência dos jesuítas, inauguradas respectivamente em 1701 e 1734. Além de informar características desse grupo religioso com detalhes indicados na arquitetura, a presença dos jesuítas em Sergipe é mencionada a partir da edificação de engenhos, colégios e capelas, entre eles o Retiro e a Comandaroba destacados por (FREIRE, 1977).

A composição desse cenário esteve atrelada ao grande cosmo luso que tinha como objetivo a conquista e colonização da América Portuguesa, esse evento causaria profundas mudanças em termos conjunturais e estruturais, que iniciariam as transformações em vários âmbitos inclusive no espaço e na paisagem. A paisagem no seu sentido mais amplo representa o que é visível aos nossos olhos, ou seja, os objetos, aos quais se incorporam vida a partir dos processos sociais de uma dada sociedade (BARCELOS, 2000: 60).

Paralelo aos processos sociais, os processos de origem funcional e simbólica se estabeleceram em meio à construção de seus edifícios, no caso do Retiro e da Comandaroba a localização e inserção dessas estruturas na paisagem revelam características singulares da Companhia de Jesus.

Primeiro, a proximidade com leitos fluviais ou portos que facilitassem a mobilidade dos padres e o transporte de mercadorias para manutenção da ordem. Em segundo, as construções eram edificadas em morros ou elevações que além de possibilitar a defesa, permitiam uma visão ampla do entorno, bem como estar em posição elevada exprimia o caráter simbólico de poder e hierarquia, e que sacralizava o monumento como representação de poder dada a proximidade com o céu, com as alturas (OLIVEIRA, 1988: 34 a 36).

Analisando a questão econômica desempenhada no espaço jesuítico, como a plantação, cultivo e criação de animais, vemos a possibilidade de traçar uma relação com a ideia de captação de recursos e maximização de recursos *versus* minimização de gastos energéticos (VITA-FINZI & HIGGS, 1970 *apud* COPÉ, 2006: 116). Essa premissa elaborada a partir de estudos em sociedades pré-históricas pode ser incorporada em sociedades históricas ao se referenciar por uma zona concêntrica em relação a um ponto central visando à minimização de transporte e recursos, resultando em condicionantes para fixação de determinados grupos em uma região e consequentemente a modificação e construção da paisagem a partir da fixação dos indivíduos no ambiente.

A caracterização do espaço e da paisagem faz-se necessária para uma melhor compreensão de uma dada realidade histórica, e assim situando dentro dessa caracterização a dinâmica entre a espacialidade e a temporalidade, como reflexão pertinente para a percepção dos processos ocorridos.

ANÁLISES E PERSPECTIVAS ARQUEOLÓGICAS

O desenvolvimento teórico que abrange as discussões acerca da paisagem em muito se deve a geografia humana que ao rejeitar as diretrizes da ciência espacial dos anos de 1960, inseriu um novo foco de discussões incluindo a cultura, relações sociais e de poder, identidade, política. Isso permitiu o desenvolvimento de inúmeras abordagens teóricas dentro das várias escolas da geografia cultural (THOMAS, 2001: 166).

Os termos Análise Espacial e Arqueologia da Paisagem surgem no século XX e são apropriados por vários arqueólogos buscando abordar por um lado uma ênfase maior nas relações espaciais e de outro acentuando a relação entre homem e ambiente, como perspectivas para examinar o passado (PAULS, 2006: 65).

A efervescência que dominou os estudos ligados ao espaço, paisagem e ambiente ainda no século XIX, e perpassou o século XX, contribuiu para que a área de conhecimento obtivesse amadurecimento, e isso se deu pelas várias abordagens e concepções incorporadas a fim de propiciar análises e resultados sobre a relação homem e ambiente.

Com isso várias análises se desenvolveram, e nos estudos hoje sobre paisagem se concentram na análise contínua entre ambiente físico, estruturas sociais e experiências individuais, denotando o quanto as variedades de abordagens teóricas são consideradas para compreensão do contínuo e a relação com a análise espacial que tendem ao uso de técnicas específicas para discernir essa relação (PAULS, 2006: 66).

O espaço e paisagem jesuítica dentro dessa percepção mostram-se como um objeto profícuo nos estudos para o entendimento da relação homem e ambiente, observando nesse processo de tempo a formação da paisagem que é constituída desde o ambiente físico, estruturas sociais e outras formas de relações que se estabelecem em meio à ação humana no ambiente. Assim, a compreensão de que a vida humana é um processo envolto na passagem do tempo e que nesse percurso ocorre a formação da paisagem, possibilita que as atividades humanas e culturais na paisagem sejam vistas de forma cognitiva ou simbólica (INGOLD, 2001: 510).

A relação homem e ambiente também pode ser concebida no âmbito da paisagem, pois a paisagem é o limite do espaço onde ocorre o comportamento humano, porém a paisagem não deve ser limitada a escala natural ou ao contexto de espaço ou ao comportamento humano que existe dentro dela. Não se deve, portanto, considerar a paisagem como um simples lugar para execução da ação humana (BRANTON, 2009: 51).

O espaço jesuítico em Laranjeiras foi passível de inúmeras transformações na paisagem, decorrentes das atividades desempenhadas pelos jesuítas que através do fator religioso (simbólico) se relacionavam com o ambiente de modo a desenvolver suas atividades culturais e econômicas, e essa experiência vivida pode ser observada no entorno da paisagem que incorpora as ações humanas. Dessa forma, no que tange a referência e a relacionalidade, o cotidiano no espaço ou na paisagem habitada imprime na paisagem a experiência vivida pelos indivíduos, por isso a conceitualização de paisagem seria a rede de relações existente no lugar e que gradualmente é mostrada através dos hábitos, atividades e interações das pessoas (THOMAS, 2001).

A partir das análises teóricas expostas sobre espaço e paisagem tendo como tema o espaço jesuítico percebemos que o foco de análise busca estabelecer uma relação dialética ou binária que preconiza a ideia de relação entre homem e natureza (INGOLD, 2001: 512).

Em outras perspectivas de análise arqueológica recorremos a David Clarke, já mencionado anteriormente, que na obra *Spatial Archaeology* (1977) propõe abordar dentro dos estudos de espaço três perspectivas: o nível micro (interior dos sítios, e estruturas interiores, abrigos, casas, cemitérios, templos); o nível semi-micro (estruturas do interior do sítio relacionadas ao entorno, e modelos arquitetônicos e urbanísticos) e o nível macro (de escala regional, relacionadas à geografia, a paisagem, relevo, clima, adaptações culturais e econômicas) (CLARKE, 1977). Este modelo de análise para o espaço mesmo com o viés da Arqueologia Processual, que tem a influência do funcionalismo e dentro dos estudos de ambiente dialoga com a ecologia cultural e a paleoeconomia, e é geralmente utilizado para estudos em sociedades pré-históricas, podendo ser aplicado em sítios históricos. Esses níveis estabelecidos por Clarke permitem a compreensão do sítio e a correlação com os artefatos, auxiliando na obtenção de dados que contribuem na pesquisa, podendo ainda aplicar-se outras análises e abordagens, sejam elas, da Arqueologia Processual ou Pós-Processual.

O crescimento decorrente no estudo do espaço e da paisagem inferiu na Arqueologia de forma geral um novo olhar que ampliou a noção de prospecção, não relegando o importante

papel do levantamento sistemático para aquisição de dados, mas possibilitou que o trabalho de campo pudesse ser feito sem escavação e utilizassem práticas de levantamentos cartográficos, fotográficos, topográficos, coletas de superfícies entre outros. Essa prática denominou-se *fieldwork*, ou seja, o estudo das atividades humanas sem escavação, passando a ideia de se fazer Arqueologia sem escavação, quebrando a concepção tradicional de que a pesquisa arqueológica só se faria escavando (BROWN, 1987 *apud* BARCELOS, 2000: 39).

Essa proposta provavelmente visa contribuir para questão da salvaguarda do patrimônio material que muitas vezes, encontrado em sítio pré-histórico ou histórico, inviabiliza uma prospecção mais sistemática que resulte em dano ao patrimônio. Para o espaço jesuítico em Laranjeiras, por se tratar de bens tombados essa proposta pode ser pensada e aplicada para realidade atual desses sítios.

A temática inerente ao espaço e a paisagem possibilitou a compreensão e delimitação do que venha a ser lugar (*place*) e paisagem (*landscape*), assim ambos representam dois tipos de espacialidades e que no seu contexto refletem a materialização da estrutura social e espacial de uma sociedade, inserindo significados sociais e culturais. Também nesse contexto o espaço físico constitui-se como materialidade significativa, pois estabelece relações mentais com os agentes sociais (ACUTO, 1999: 36).

Nesse entendimento sobre lugar e paisagem foi possível perceber a relação destes com a espacialidade e os desdobramentos engendrados no campo da interpretação, ao colocar em evidência as estruturas sociais e espaciais como materialidades, bem como a percepção do lugar e da paisagem como reflexo material da consciência (mente) humana.

Como já mencionado a apropriação do espaço e da paisagem como perspectiva de estudo e análise não é exclusividade apenas da arqueologia pré-histórica, a apropriação pela arqueologia histórica introduziu novas reflexões acerca da paisagem. A paisagem usada como instrumento de análise da arqueologia histórica tem direcionado o foco de estudo para a compreensão da espacialidade e relações de poder, estimulando o olhar sobre as relações de poder refletidas na cultura material (BRANTON, 2009: 55).

A inserção desse foco de pesquisa na Arqueologia que busca examinar as relações de poder na cultura material tem sido bastante refletida pela corrente Pós-Processualista, a qual utiliza o conceito de tempo e espaço diferindo-se completamente da linha teórica Processualista, embasando-se na Teoria Social de Heidegger, Bourdieu, Giddens em que o ponto de referência

converge na construção das ações e relações sociais tendo em vista a relação dialética existente entre tempo e espaço (ACUTO, 1999: 33 a 34).

Nas discussões entre espaço e paisagem o foco de análise voltado para a materialidade, as relações de poder e significados incorporados na cultura material intrínseca a ação humana, corroborou para o desenvolvimento de outra possibilidade de análise, que com o apoio na Arqueologia da Arquitetura apreende as relações sociais à cultura material, e consequentemente à paisagem.

Entretanto, essa possibilidade de análise está centrada em questões relacionadas à arquitetura e a paisagem cultural humana, tendo em vista que toda produção material humana é dinâmica e incorporada significados. Nesse panorama é possível inferir que a cultura material incorpora significados dentro de um sistema cultural e assim adquire dimensão ativa e ideológica (ZARANKIN, 1999: 119).

Dentro dessa visão da Arqueologia o espaço e a paisagem convergem para a concepção de que a relação entre homem e espaço estabelece a incorporação de elementos sociais, culturais e simbólicos que em um contexto amplo vivificam a cultura material, que pode ser percebida na linha tênue entre o espaço, lugar e paisagem. Se o espaço é transformado dentro do lugar pela intervenção humana, essa intervenção gera a paisagem que pode ser concebida como resultado da dinâmica existente entre homem e espaço (THOMAS, 2001: 171).

A paisagem jesuítica em Laranjeiras é a evidência da relação entre homem e espaço, que no seio dessa relação incorporou significados ao transformar a paisagem e imprimir nela traços dessa relação, e que através da Arqueologia nos possibilita compreender a organização social e cultural desses indivíduos. Enfim, a construção do ambiente pode refletir o meio pelo qual os indivíduos do passado demarcaram seus papéis na sociedade e a partir dos vestígios arqueológicos nos revelarem quais, como, porquê e se estes papéis obtiveram a eficácia pretendida no grupo de convívio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arqueologia independente de rótulo teórico (histórico-cultural, processual e pós-processual) vem se desenvolvendo e contribuindo para o florescimento da disciplina em todo mundo, e, principalmente, no Brasil tem encontrado terrenos férteis e inúmeras problemáticas para serem dirimidas.

A influência das escolas britânica, francesa e americana tem colaborado para discussões no âmbito teórico e metodológico permitindo dessa forma a reflexão e os debates em torno de inúmeras abordagens que têm suscitado na Arqueologia, inclusive no que concerne a temática ligada ao ambiente, ao espaço e a paisagem.

No caso do espaço e da paisagem, objeto de análise nesse trabalho, o tema cujas discussões tiveram início no século XIX engendradas pela Geografia e que logo veio a influenciar a Arqueologia chegou ao século XXI com várias abordagens apoiadas pelas correntes teóricas propiciando o avanço nos estudos das sociedades passadas e ainda permanecendo em voga na atualidade.

Enfim, o espaço e a paisagem jesuítica em Laranjeiras constituem objeto de pesquisa arqueológica que pode ser analisado a partir das perspectivas apresentadas e que muito podem revelar sobre esse grupo e sua relação com a região.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Sergipe (UFS), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos e ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PROARQ) pelo incentivo à pesquisa.

Ronaldo José Ferreira Alves Santos

Programa de Pós Graduação em Arqueologia (PROARQ/UFS)

ronaldo.jfas@hotmail.com

Janaína Cardoso de Mello

Professora do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PROARQ/UFS)

janainamello@uol.com.br

REFERÊNCIAS

- ACUTO, F. A. 1999. "Paisaje y Dominacion: La constitucion Del espacio social en El Imperio Inka". Zarankin, Andrés e Acuto, Félix A. (Eds). *Sed non satiata. Teoría social en la Arqueología Latinoamericana Contemporánea*, Buenos Aires, Ediciones del Tridente, Colección Científica, 33-75.
- BARCELOS. Artur H. F. 2000. *Espaço & arqueologia nas missões jesuíticas: o caso de São João Batista*. Porto Alegre: EDPUCRS.
- BRANTON, Nicole. 2009. "Landscape approaches in Historical Archaeology". In: MAJEWSKI, Teresita and GAIMSTER, David. *International Handbook of Historical Archaeology*. Springer. USA, 51-65.
- CLARKE, David. 1977. "Spatial Information in Archaeology". In: CLARKE, David (Ed.) *Spatial Archaeology*. Academic Press, New York, 1-32.
- COPÉ, Silvia Moehlecke. 2006. "Narrativas espaciais das ações humanas. História e aplicação da arqueologia espacial como teoria de médio alcance: o caso das estruturas semi-subterrâneas do planalto Sul – brasileiro". *Revista de Arqueologia*, n. 19, 111-123.
- FREIRE, Felisbelo. 1977. *História de Sergipe*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes e Governo do Estado de Sergipe.
- GUIMARÃES, Márcia Barbosa. 2011. *Arqueologia de Assentamentos: Uma análise bibliográfica*, 1-40. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/59054702/Arqueologia-Assentamentos-uma-analise-bibliografica>. Acessado em: 12 de julho de 2011.
- INGOLD. Tim. 2000. "The Temporality of the Landscape". In: THOMAS, Julian. *Interpretive Archaeology*. Leicester University Press. London and New York, 510-530.
- MOTT, Luiz. 2008. *Sergipe Colonial & Imperial: religião, família, escravidão e sociedade – 1591-1882*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira.
- OLIVEIRA, Beatriz Santos de. 1988. *Espaço e estratégia: considerações sobre a arquitetura dos jesuítas no Brasil*. – Rio de Janeiro: José Olympio; Uberlândia: Prefeitura Municipal.
- OLIVEIRA, Philadelpho Jonathas de. 1981. *História de Laranjeiras: registros dos fatos históricos de Laranjeiras*. 2ª ed. Aracaju: Subsecretaria de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura de Sergipe; Segrase.
- ORSER JR, Charles E. 1992. *Introdução à Arqueologia Histórica*. – Belo Horizonte: Oficina de Livros.
- PAULS, Elizabeth P. 2006. "The place of Space: Architecture, Landscape, and Social Life". In: HALL, Martin and SILLIMAN, Stephen W. *Historical Archaeology*. Blackwell Publishing. USA, 65-83.
- SANTOS, Fabrício Lyrio. 2007. *A Presença Jesuíta no Recôncavo da Bahia*. *Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras*. Vol. 1 (1), 24-27. Disponível no endereço eletrônico: <<http://www.ufrb.edu.br/reconcavos/n01/pdf/fabricio.pdf>> acessado em 21 de outubro de 2010.

SOUSA, Ana Cristina de. 2005. “Arqueologia da Paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais”. *Habitus*, Goiânia, v.3, n.2, 291-300, jul/dez.

THOMAS, Julian. 2001. “Archaeologies of Place and Landscape”. In: HODDER, Ian. *Archaeological Theory Today*. Polity Press. Cambridge, 165-186.

ZARANKIN, Andrés. 1999. “Arqueología de la arquitectura: Another brick in the wall”. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, Suplemento 3, 119-128.

NOTAS

¹ Patrimônio Histórico Tombado IPHAN/SERGIPE – Processo: 247-T-41, Livro: Belas Artes, vol. I, Nº da Folha: 63, Nº de Inscrição: 298-A, Data: 14/01/1944/ Livro Histórico Vol. I, Nº da Folha: 39, Nº de Inscrição: 231, Data: 14/01/1944.

² Patrimônio Histórico Tombado IPHAN/SERGIPE – Processo: 299-T-41, Livro: Belas Artes, vol. I, Nº da Folha: 58, Nº de Inscrição: 272-A, Data: 23/03/1943/ Livro Histórico Vol. I, Nº da Folha: 35, Nº de Inscrição: 207, Data: 23/03/1943.